**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

BRUNA FLORENCE DE MOURA

**Caderneta de Sociolinguística**

São Paulo

2017

BRUNA FLORENCE DE MOURA

Caderneta de Sociolinguística

Trabalho apresentado à Faculdade de

Filosofia Letras e Ciências Humanas

como forma de avaliação na matéria

de Introdução aos Estudos da Língua

Portuguesa I

Orientador: Prof. Dra. Marli Quadros Leite

São Paulo

2017

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO ............................................................................................... 04

2 VARIAÇÕES OBSERVADAS ........................................................................ 05

2.1 Primeira variação ........................................................................................ 05

2.2 Segunda variação ....................................................................................... 06

2.3 Terceira variação ........................................................................................ 08

2.4 Quarta variação .......................................................................................... 08

2.5 Quinta variação ........................................................................................... 09

2.6 Sexta variação ............................................................................................ 09

2.7 Sétima variação .......................................................................................... 10

2.8 Oitava variação ........................................................................................... 10

3 CONCLUSÃO ................................................................................................ 12

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .............................................................. 14

**INTRODUÇÃO**

Nesta caderneta apresento o resultado de uma pesquisa sobre variação linguística, a respeito do português falado no Brasil.

Cabe inferir que a variação linguística é a diferença observada em qualquer enunciado, analisado com base em um parâmetro (tradição, língua nacional, modalidades linguísticas, entre outros) estabelecido pelo observador. No caso, o que está sendo definido como variação são as palavras que se distanciam da tradição.

**VARIAÇÕES OBSERVADAS**

* Primeira Variação:

Campo: Aeroporto de Guarulhos, dia 07/04/2017

Modalidade: língua falada.

Estilo: Relação de informalidade entre os falantes, uma vez que eram mãe e filho.

Situação: Conversa por telefone entre um rapaz de aproximadamente 35 anos e sua mãe ao outro lado da linha. Ele explicava a ela sobre sua estadia em São Paulo e falava sobre sua volta, que seria no mesmo dia em um voo para o Rio Grande do Norte. As variações estão pontuadas em negrito, e a escrita foi redigida de acordo com a pronúncia do falante.

"Pois então **mainha**, aqui só fiquei em hotel pra trabalhar, não passeei muito. Não vejo a hora de voltar para ver a **sinhôra**."

Foneticamente: mɐ.'i.ɲa / si.'ɲo.ɾa

Comentário: Na conversa transcrita acima, as palavras identificadas como variação encontram-se adequadas tanto à modalidade falada, quanto com a relação de informalidade estabelecida. O rapaz optou por um vocabulário menos ornamentado para falar com sua mãe, que é do Nordeste, e em seu falar as marcas de seu dialeto de origem, que são as variações.

Nota-se um bom uso de articulação linguística do rapaz, uma vez que ele sabe aplicar suas competências em cada situação, fazendo-se compreender pela mãe na medida que usa um código adequado àquela realização.

A palavra "mainha" denota, pelo uso do diminutivo, uma relação afetiva entre o falante e o ouvinte, de forma adequada. Em outras regiões a palavra poderia ser trocada por exemplos como: mamãe, mamis, manhê, mami, mama, entre outros. Isto mostra o caráter dinâmico da modalidade falada da língua, que encontra inúmeras formas, nem sempre postas em dicionário, para um mesmo fim.

Por sua vez, *sinhôra* apresenta variação pela pronúncia, uma vez que no Sudeste a ênfase na sílaba *nhô* não é tão acentuada, fazendo com que um falante paulista perceba rapidamente a diferença, pela pronúncia, de seu dialeto em relação ao dialeto do outro. Foneticamente, poderiam haver várias formas de pronúncia diferente da citada, como: sen.'ɲo.ɾa / si.'ɲo.ɾa / entre outras.

* Segunda Variação:

Campo: Forte de Rio Grande do Norte, dia 8/04/2017.

Modalidade: língua falada.

Estilo: Relação de certa informalidade entre um guia turístico e um grupo de turistas que o ouvia falar (dentre os quais eu estava participando). Apesar de certa informalidade, o guia, que possuía um curso para explicar tais informações, possuía certo grau de clareza uma vez que estava apresentando sua fala para um grupo de pessoas, incluindo turistas que não compreendiam direito o português.

Situação: Guia turístico de aproximadamente 40 anos, que explicava ao público a história do Forte. As variações estão pontuadas em negrito, e a escrita foi redigida de acordo com a fala enunciada.

"Como **cês** podem ver, na época essa madeira não existia. Foi colocada para melhorar o acesso do acervo. Aqui ficavam os guardas **cóxteros** e mais para frente (...)"

Depois, ao dar a ele uma contribuição pelo trabalho de nos explicar a história do local, ele explicou que necessitava do dinheiro porque:

"Tenho três **fio** pra criar."

Fonéticamente: 'se.js / cɔʃ.'te.ɾoʃ / 'fiw

Comentário: O primeiro exemplo de variação (cês), é extremamente comum não apenas no Nordeste, mas em falas de um modo geral, não sendo especificamente regional. Este tipo de mudança pode ser explicado pelo mesmo fenômeno que ocorreu com a palavra *estão,* que, frequentemente é enunciada pelos falantes como *tão*. Este processo de "lei do menor esforço" ou síncope é a tendência que se possui de reduzir a palavra enunciada para uma pronuncia mais rápida, entrando até em sintonia com a dinamicidade da língua falada.

Estes casos são recorrentes tanto em falantes ditos como cultos, e também em falantes que não se utilizam da norma padrão. Segundo Preti (1999, p.33), citada no artigo *Culto versus popular: interpretações* de Marli Quadros Leite, os falantes cultos "até em situação de gravação consciente revelaram uma linguagem que é, em geral, também pertencente a falantes comuns". O caso do *cês* pode ser apontado como um deles.

O segundo exemplo, *cóxteiros*, a variação se dá pela forma de pronúncia da palavra, de forma que é enunciada de forma bem característica da região Nordeste, e, portanto, é facilmente reconhecida como variação. Na região sudeste, por exemplo, em geral a palavra seria enunciada *cos.'tej.ras.* Portanto a diferença é instantânea, fazendo com que o ouvinte perceba que o falante possui um dialeto diferente do seu, e se enquadra em uma comunidade linguística distinta.

O terceiro exemplo da transcrição, assim como o primeiro, é bem recorrente, de forma que também não se enquadra apenas em uma variação regional: principalmente no interior de São Paulo, ou também por pessoas mais velhas e pouco escolarizadas, o uso é recorrente, também pode ser considerado síncope e às vezes até caracteriza um nível de afetividade. Também é uma forma de lei do menor esforço, uma vez que reduz a enunciação da palavra *filho*, mas desta vez não tão realizada por falantes mais escolarizados, e, portanto, que possuem maior exploração do conhecimento metalinguístico. Há outras formas de variação com o mesmo significado: filho, filhinho, filhote, entre outros.

O falante, em certo ponto, poderia não estar adequado a situação de fala com a qual se deparava, uma vez que o ambiente era composto também por turistas e uma pronúncia mais clara, por exemplo, a troca de *fio* por *filhos* facilitaria o entendimento, mostrando maior domínio de competência e melhor expressividade. Por outro lado, não houve uma discrepância muito grande, já que a modalidade falada é passível destas ocorrências e a situação não era de total formalidade, de forma que as palavras que foram consideradas variações foram compreendidas sem grandes dificuldades.

* Terceira Variação:

Campo: Hotel, em RN, no dia 8/04/2017

Modalidade: língua falada.

Estilo: Conversa informal ao telefone, com a finalidade de pedir uma pizza.

Situação: Pedido de pizza realizado por mim, em que do outro lado da linha atendia uma mulher que pelo telefone, não consegui distinguir a idade. As variações estão pontuadas em negrito, e a escrita foi redigida de acordo com a pronúncia enunciada.

"Vocês gostariam de pedir mais uma salgada pra entrar na promoção? (..). **Pronto (com o primeiro 'o' prolongado)**, o pedido de vocês já foi anotado. Muito obrigada e uma boa **noití**"

Foneticamente: 'pɾo. tʊ / 'noj.tɪ

Comentário: Ambos os exemplos apresentam variação em sua enunciação, porém o primeiro caso não se apresenta tão fortemente como variação regional se comparado com o segundo caso. Isso ocorre porque o prolongamento do *o* na pronúncia da mulher não é suficiente para se inferir que todas as pessoas daquela região pronunciem deste jeito. Portanto, pode-se considerar uma variação frequente, mas não característica, uma vez que varia mais em nível individual do que em nível coletivo. Já o segundo caso, *noití*, já pressupõe um dialeto da região Nordeste, de forma que em sua pronúncia é possível relacionar o falante com uma determinada região.

Neste caso, a forma com que as palavras foram pronunciadas não dificultaram o entendimento e demonstram uma boa adequação da mulher em relação à situação de fala, que não exigia formalidade.

* Quarta Variação:

Campo: Hotel em RN, manhã do dia 10/04.

Modalidade: língua falada.

Estilo: Conversa informal.

Situação: Observação de conversa informal de hóspedes gaúchos que conversavam entre si, na beira da piscina. Um menino de aparentemente 6 anos convida outro amigo a sair da piscina:

"Vamos ver se aqui tem **cancha** pra gente jogar!"

Comentário: Neste caso, a variação é do léxico, de forma que a palavra *cancha* é utilizada apenas na região Sul do país, causando estranhamento quando enunciada em uma outra região e fazendo-se distinguir claramente uma comunidade linguística diferente. Neste caso, a palavra *cancha* poderia ser substituida por quadra, campo, campinho, entre outras, variando, mas sempre com o mesmo significado.

* Quinta Variação

Campo: Praia em RN, dia 10/04, parte da tarde.

Modalidade: língua falada.

Estilo: Informal.

Situação: Uma moça de aparentemente 20 anos se aproximou com a finalidade de vender cocada:

"Faço três **cócadas** por seis."

Foneticamente: 'kɔ.ka.das

Comentário: Novamente a variação se dá pela maneira em que a palavra é pronunciada, sendo característica da região Nordeste e facilmente notável enquanto variação. A forma com a qual a palavra é dita não prejudica a compreensão da fala, simplesmente é uma característica da região que não determina se a variação é culta ou popular, porém se enquadra na modalidade e no estilo, uma vez que o principal objetivo, que é a efetividade da comunicação, bem como a expressividade e a forma de argumentar, se dão de forma satisfatória. A forma com a qual a palavra seria pronunciada em sua maioria na região Sudeste seria: ko.'ka.da

* Sexta Variação:

Campo: Hotel, dia 11/04/2017.

Modalidade: língua falada.

Estilo: Informal

Situação: Enquanto estávamos saindo do hotel, um funcionário se dirigiu à nós. (A variação está em negrito, e a escrita foi redigida de acordo com a fala enunciada.)

"Um bom **día** aos senhores"

Foneticamente: 'dia

Comentário: A pronunciação da palavra *dia* também ocorre de forma que é possível supor, pela pronúncia, que o falante é do Nordeste. Em São Paulo, por exemplo, a pronúncia do *i* não é tão marcada, de forma que quando se ouve a pronúncia acima transcrita há clara percepção de diferença.

* Sétima Variação:

Campo: Casa de um amigo.

Modalidade: língua falada.

Estilo: Formal.

Situação: Neste caso, eu estava na casa de um amigo, quando o pai dele, um senhor de aproximadamente 70 anos de idade e de origem portuguesa utiliza um pronome de tratamento ao me dirigir a palavra:

"A **vossa senhoria** me dê licença pois tenho afazeres em casa"

Comentário: O caso acima representa clara inadequação da fala em relação ao campo e a modalidade. A situação que ocorria era claramente informal, uma vez que as pessoas envolvidas possuíam certo grau considerável de intimidade e a modalidade falada pressupõe grande flexibilidade quando combinada à estas situações. Entretanto, o falante se enuncia de forma muito formal, não se adequando com o que a ocasião exigia, e, mostrando assim, um caráter deficitário de sua competência linguística.

* Oitava Variação:

Campo: Sala de aula, USP, dia 24/04/2017

Modalidade: Língua falada.

Estilo: Informal, em certo ponto.

Situação: O professor estava tentando dar um exemplo de como funcionavam nossas cordas vocais na pronúncia de uma palavra. Ao fazer analogia com uma bexiga, acabou substituindo a palavra:

"(...) então a ideia aqui é que se pareçam com **bolas de soprar** (...)"

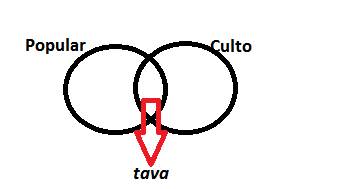
Comentário: Esta variação é claramente regional, uma vez que o professor em questão é natural de Minas Gerais, e diferentemente de São Paulo, em que comumente a expressão *bolas de soprar* seria trocada por balão ou bexiga. Instantaneamente, bem como no caso anterior, de *cancha*, causa-se um estranhamento no ouvinte, mesmo que não tão atento ao que é dito, e distingue-se então uma comunidade linguística de outra, muitas vezes.

**CONCLUSÃO**

A partir desta experiência pude constatar, na prática, que a língua não é uma estrutura pronta, mas sim suscetível à mudanças e variações. Por sua vez, a variação é um fenômeno natural, intrínseco à língua, e que agrega encanto e beleza.

No caso deste trabalho, pude ter noções mais práticas do que é dialeto, pelas observações que constatei em Rio Grande do Norte, e perceber que uma simples enunciação de frase pode indicar de onde a pessoa é, traçar uma certa comunidade linguística.

Também foi possível reforçar a ideia de que na sociedade, infelizmente, há uma tendência de valorização da norma culta (a que mais tenta se aproximar das gramáticas normativas e dicionários) em detrimento do falar popular. Entretanto, é facilmente encontrado exemplos em que o culto e o popular se colidem, como é o caso da palavra *tava*. É como se o falar culto absorvesse, também, algumas características da fala considerada popular, havendo algo em comum entre ambos, como tento exemplificar no esquema abaixo, no qual utilizo o exemplo do *tava* como elemento comum.



Além disso, no exemplo em que cito o uso de *vossa senhoria*, pude constatar que alguns condicionadores (sejam eles extra ou intralinguísticos) regulam a escolha na fala. Provavelmente, até por falta de respaldo metalinguístico e de adequação situacional da fala, a utilização de *vossa senhoria*, para aquele senhor, tenha sido a que ele se familiariza mais, e utiliza mais corriqueiramente, por experiências pessoais (extralinguísticos), ou outra justificativa.

Em suma, depreende-se que a fala, uma vez que mais flexível do que a escrita, é terreno de criação; terreno este que se inicia em âmbito microssocial (indivíduo) e alcança o macrossocial, difundindo-se. Essa riqueza de variação é facilmente notável se observada com mais atenção por cada ouvinte de nossa língua, e, a ideia de menor prestígio se torna inválida, uma vez que a língua é passível desta flexibilidade enriquecedora.

A gramática prescritiva, os dicionários e a norma culta, tem uma relevância e grande valor, principalmente na passagem do epilinguístico para o metalinguístico, agindo de forma a ajudar na ampliação da competência linguística, mas isso não a torna superior à ideia de norma popular. Ambas são indispensáveis para a formação de um indivíduo, e deve-se desmistificar esta competição entre ambas - uma vez que coexistentes e necessárias.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COELHO, Izete. Para conhecer Sociolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 2015;

LEITE, M. Q.. Culto versus Popular: interpretações. São Paulo: texto inédito;